

criada no século XIX, localizada nos bairros negros. Lá, eu, na condição de uma estrangeira, percebi uma configuração estranha da cidade, “a capital do Império”, a residência do presidente dos EUA, a famosa Casa Branca: tinha no seu em torno os bairros negros. A primeira questão que me veio, porque esses bairros pobres e negros, caracterizados pela imprensa americana como dos mais violentos do país, estão junto a Casa Branca? E os colegas avisavam-me, cuidado não desça numa estação do metro a noite num desses bairros. Coisa surpreendente para a cabeça de uma brasileira, acostumada a ver a população negra pobre nos morros, ou na periferia. Fui as livrarias, na época maravilhosas e gigantes Barnes e Noble, comprei livros sobre a história da cidade. Não explicavam nada sobre a configuração geográfica e social da atual cidade de Washington DC. Um dia, encontrei numa livraria, de um dos bairros negros de DC, um pequeno livro (*The hidden History of Washington,DC*), li e entendi. Ou pelo menos ficou mais plausível a paisagem da capital americana. O traçado da cidade guardava as disposições de quando os mercadores de escravos faziam os depósitos nos mercados, que eram onde hoje são os bairros negros de W,DC, junto ao palácio presidencial, e este por sua vez patrocinava o grande negócio. Simples como isso! Sim, comecei a entender melhor a cidade e suas contradições. Depois de mais de uma década, a história da população negra americana tem muito mais visibilidade e é fácil encontrar, nas livrarias on line, um livro sobre seu passado na capital dos EUA. Apenas a título de ilustração, rememorei essa história. Entre busca de novas perspectivas e quebra de silêncios percebe-se hoje, pela novíssima geração de historiadores brasileiros a força de buscar, desvendar uma história que está por contar. Ou, sendo contada agora, aos poucos, partes dessa longa, centenária história.

O presente dossiê propicia esse aproximar das muitas histórias do universo da população afro-brasileira. Assim que se pode ler, um dos textos do dossiê, ao percorrer os espaços com paciência e muitos detalhes na reconstrução de uma biografia, trajetória de um africano no Brasil, caminhos do liberto Luis Xavier de Jesus. A autora argumenta e coloca suas hipóteses sobre um percurso que se torna extremamente interessante aos estudiosos da história da época e traz a força transformadora do cotidiano. O segundo texto, aborda o significado das “joias de crioulas”, apresentando a ideia de como esses são objetos testemunhos da dinâmica de

poder de negociar e mesmo, subverter. Mais no campo da força das ideias, da escrita, o terceiro artigo debruça-se sobre o peso da influência de Arthur Ramos na produção do historiador sulista Dante Laytano. Enquanto que preocupado com as demandas no campo da educação, no quarto artigo, o autor analisa, três décadas de nosso passado recente e de lideranças negras, constatando que as demandas de hoje, nas questões educativas, estavam presentes nesse período histórico. Em estudos do percurso da lei 10639/03, o quinto artigo, estuda os antecedentes, desdobramentos e caminhos da legislação mostrando sua trajetória num contexto histórico-político e suas atuais perspectivas.

Dois artigos se dedicam aos Estudos Africanos. Um que busca situar uma das muitas causas do trágico acontecimento em Ruanda, em 1994, a preocupação maior do autor é deixar claro que não se pode entender tamanho evento sem atentarmos para suas múltiplas causas. Impossível repetir a exatidão como a mídia ocidental fez e tem feito, ao classificar o “genocídio de uma mera “guerra étnica”. Nessa análise o passado colonialista pode e deve ser revisitado. Por último, nem por isso menos importante, o outro artigo trata do ensino da História da África. O autor argumenta da importância de um “olhar científico” para a questão da “cor da pele” e a sua utilização para o entendimento do ensinar a história do continente. O autor mexe em assunto profundamente polêmico e amplo, por isso mesmo tenho minhas dúvidas, porém trata-se de um bom artigo. E como diz um ditado quimbundo: o que incide fortemente, deixa vestígios

Reforço o quanto é oportuno esse conjunto de textos como produção direcionada aos estudos da África e dos Afro-brasileiros.

Selma Pantoja¹

Brasília, 26 de Agosto de 2013

Universidade de Brasília (UnB)

¹ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB).